

**UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANA CAROLINA DE MENEZES SANTANA PINHEIRO

**QUAIS AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA PARQUE INDUSTRIAL
DE PATRÍCIA GALVÃO PARA A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DO
TRABALHO FEMININO NO BRASIL?**

**Juazeiro do Norte – CE
2019**

ANA CAROLINA DE MENEZES SANTANA PINHEIRO

**QUAIS AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA PARQUE INDUSTRIAL
DE PATRÍCIA GALVÃO PARA A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DO
TRABALHO FEMININO NO BRASIL?**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

Juazeiro do Norte – CE

2019

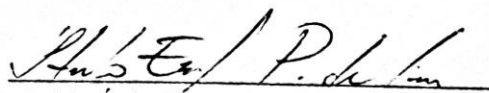
ANA CAROLINA DE MENEZES SANTANA PINHEIRO

**QUAIS AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA PARQUE INDUSTRIAL
DE PATRÍCIA GALVÃO PARA A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DO
TRABALHO FEMININO NO BRASIL?**

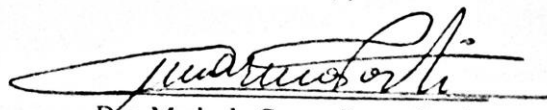
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr.
Leão Sampaio, como requisito para
obtenção de grau de Bacharelado em
Psicologia.

Aprovado em: 24 / 06 / 2019

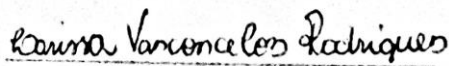
BANCA EXAMINADORA



Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima
Orientador(a)



Dra. Maria do Carmo Pagan Forti
Avaliador(a)



Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues
Avaliador(a)

Quais as possíveis contribuições da Obra Parque Industrial de Patrícia Galvão para a representatividade social do trabalho feminino no Brasil?

Ana Carolina de Menezes Santana Pinheiro¹
Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima²

RESUMO

O presente artigo busca discorrer acerca da importância da obra Parque Industrial para a representação social do trabalho feminino no Brasil, afim de compreender como o trabalho está inscrito na subjetividade e identidade do sujeito trabalhador através de conceitos da psicologia social e do trabalho, a partir desses objetivos utilizamos da metodologia de Análise do Conteúdo a partir de visão de Laurence Bardin para compreendermos a linguagem textual utilizada e a entendida tendo em perspectiva que o conteúdo é histórico porém carregando caracteres pessoais para analisar os personagens de Parque Industrial e sua relação com o trabalho nos anos de 1930, perpassando por todo contexto sociocultural das primeiras décadas do século XX. Os resultados obtidos retratam aspectos passados e presentes dos anos 30 até as transformações contemporâneas atuais do mundo do trabalho, e por fim, conclui-se que as relações trabalho é algo que perpassa a construção do homem e que está em mutante transformação.

Palavras-chave: Parque Industrial. Relações de Trabalho. Psicologia Social do Trabalho.

ABSTRACT

The present article intends to run along the importance of the work Industrial Park for the social representation of women's labor in Brazil, in order to know how labor is inscribed in a working class person subjectivity and identity through the concepts of Social and Organizational Psychology. Starting from these targets, we made use of the Content Analysis methodology based on Laurence Bardin's view to comprehend the textual language used in it and what was understood, having in perspective that the content is historical but getting personal features to analyze the Industrial Park individuals regarding the labor in the 1930s, permeating every socio-cultural context of the first decades of the twentieth century. The achieved results depict past and present aspects of the thirties until the current contemporary transformations of the world of work, and ultimately, it is concluded that work relations consist in something that pass through the construction of man and they are in mutant transformation.

Keywords: Industrial Park. Work relations. Social and Organizational Psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: anacarolinaobj@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: italo@leaosampaio.edu.br

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REERENCUAL TEORICO	8
2.1 Breve Introdução Sobre A História do Brasil, Transição Séculos XIX e XX	8
2.2 Contexto Industrial Brasileiro: O Trabalho Dentro dos Principais Modelos de Produção e Percorso Histórico	9
2.3 Os Anos 20 e 30 – Transições, Movimento Modernista e um recorte acerca de Parque Industrial	12
3. UMA ANÁLISE SOBRE PARQUE INDUSTRIAL E SUA AUTORA	14
3.1 Trabalho Feminino: Emancipação Social e Política, Significados e Sentidos na Dinâmica da Obra.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A obra Parque Industrial foi publicada originalmente em 1933, considerada à margem dos grandes clássicos literários dos anos 30. Foi uma escrita que permaneceu sempre ofuscada por um contexto político rigoroso durante a Era Vargas e conter uma escrita subversiva, trazendo consigo um leque de conceitos e ideais comunistas. O escrito outrora chamado de panfleto também não foi aceito pelo Partido Comunista por conter em seus relatos a vivência fidedigna acerca do cotidiano operário dos trabalhadores do bairro do Brás em São Paulo. (FREIRE, 2008)

O tema da presente pesquisa problematiza o mundo do trabalho das mulheres expostas na obra Parque Industrial de Patrícia Rehder Galvão e como este se relaciona com a atual realidade laboral feminina, bem como articular representações sociais femininas no trabalho trazidas na bibliografia atual sobre o tema em paralelo com a descrita na obra.

Especificamente, Parque Industrial traz em seu enredo várias personagens mulheres que explanam melhor como ocorre essa vivência do trabalho trazendo inclusive a opressão que o ser feminino sofre por conta do seu gênero e classe social. Por ser uma escrita voltada a vivência da condição feminina considerando também a luta de classes é importante salientar que no livro há questões implícitas da autora que durante este período estava atuando in loco como trabalhadora operária e como membro do Partido Comunista e que após a publicação do livro foi afastada de atuar no partido por tempo indeterminado, razão pela qual começou a viajar entre vários países da Europa e Ásia em busca de estudar a questão do trabalho operário no mundo e conhecer como atuava a União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) em relação ao ideal comunista focando nas relações de trabalho. (FREIRE, 2008)

A pesquisa tem o objetivo de estudar a conscientização social e política da época e a subjetividade em relação ao trabalho já que a obra Parque Industrial trabalha com o que Strey (1998) traz como sendo os papéis ditos masculinizados dentro das relações de produção principalmente quando a autora retrata a atividade têxtil do operário no Brasil e a discriminação da figura feminina dentro destas relações de gênero e trabalho, ainda no que desrespeito a subordinação vivenciada pelas mulheres no século XX em relação a condições de labuta e contextos salariais.

Portanto o trabalho dar-se-á no campo da psicologia tomando o trabalho como eixo principal para as reflexões e como ferramenta interpretativa ancorada nas reflexões da

psicologia social do trabalho nos moldes trazidos por Sato (2017) para compreender melhor como esta categoria atuaria em relação ao sujeito.

Pensar essa pesquisa no campo da psicologia é pensar em como o trabalho afeta e se relaciona com a subjetividade em relação a sua identidade social e a sua própria identificação, em relação a isso Lane (2006) nos traz que:

A psicologia se preocupa fundamentalmente com os comportamentos que individualizam o ser humano, porém, ao mesmo tempo, procura leis gerais que, a partir das características da espécie, dentro de determinadas condições ambientais, preveem os comportamentos decorrentes. (LANE, 2006 p.8)

Como justificativa acadêmica considera-se pois importante para psicologia pesquisar e debruçar-se sob a obra através da sua intenção de conscientizar o público proletário focando na emancipação e participação do proletariado feminino em relação ao seu meio social e a vivencia da consciência política, portanto neste sentido a obra de Patrícia ganha ares de um diálogo-problematizador que segundo Lima Góis (2008) está voltado a emancipação dos indivíduos frente ao seu meio social e seu contexto cultural permitindo-lhe uma visão mais abrangente e sobretudo crítica a respeito de sua realidade.

Para execução do trabalho de natureza bibliográfica optamos por trabalharmos a análise do material através de uma perspectiva qualitativa, analisando elementos que apontem para processos de construção do sujeito nos discursos e experiências trazidas com os personagens. A partir deste método pretende-se elencar e identificar no trabalho, representações presentes durante a narrativa e compara-la com as representações do cenário atual vivenciado pelo mundo do trabalho.

Utilizaremos como ferramenta de análise, a proposta de análise de conteúdo trabalhada por Laurence Bardin, onde serão tratados os discursos presentes no livro, afim de avaliar sentidos e significados atribuídos a condição feminina, à identidade e ao trabalho como atividade no que é dito e interpretado pelos sujeitos através do contexto social da época. Para Bardin essa análise implica:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Neste sentido podemos citar que a pesquisa qualitativa: “busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade

plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. ” (REY, 2002, p.29)

REFERENCIAL TEORICO

2.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL, TRANSIÇÃO SÉCULOS XIX E XX

Para falar um pouco acerca do contexto industrial e do trabalho no Brasil, podemos citar que com a implantação da República o país passou por várias transformações em um curto lapso temporal. Dando seus primeiros passos republicanos o Brasil encontrou muitas dificuldades para se estabelecer e iniciar o processo industrial , entre eles destacam-se o fato de que o país havia passado pelas transformações da Lei Áurea recentemente e um grande número de novos trabalhadores encontravam-se desempregados além de estar em um período transitório da história onde os recursos e o capital necessário para a industrialização era estrangeiro uma vez que o país tinha sua economia com base na atividade de agricultura, tanto da produção de cana de açúcar como com o ápice da produção cafeeira. (DORIGO; VICENTINO, 2013).

Acerca do desenvolvimento da região Sudeste do Brasil mais precisamente com enfoque na cidade de São Paulo, centro da produção e distribuição do café com o porto de Santos, concentrando grande riqueza na região. Assim, o estado tornou-se logo o interesse principal dos novos imigrantes que vieram substituir a mão de obra escrava, supostamente desqualificada para o trabalho fabril, mas, tendo por segundas intenções modificar o perfil da sociedade brasileira, gerando poucas oportunidades de trabalho para os recém libertos escravos, além dessas mudanças houve também a migração de regiões do campo em busca de uma maior oportunidade de trabalho para se desenvolver e assim gerando o aumento populacional desorganizado da capital Paulista e o início do marco industrial.(CARDOSO, 2019)

Segundo Soihet (2004) esse período de transição do século XIX para o XX marcou além da ascensão burguesa no Brasil e desenvolvimento urbano, o país ainda buscava se identificar culturalmente com o modelo de vida europeu principalmente os trazidos do iluminismo francês.

A cidade de São Paulo a partir do surgimento de grande industrias ganhava uma urbanização acelerada com grandes construções em prédios, praças, luzes e principalmente os famosos Caffès, sorveterias, uma grande expansão em um curto período de tempo graças aos

avanços e investimentos industriais que começaram a movimentar as engrenagens internas e a economia nacional. (CARONE, 2001)

Tendo em vista estas mudanças e crescimento urbano, adiante trataremos de como essa realidade se concretizou no Brasil, mas especificamente na cidade de São Paulo, através do modelo de produção capitalista da época.

2.2 CONTEXTO INDUSTRIAL BRASILEIRO: O TRABALHO DENTRO DOS PRINCIPAIS MODELOS DE PRODUÇÃO E PERCURSO HISTÓRICO

Segundo Pereira (1984 *apud* Sato, Coutinho e Bernardo 2017) o desenvolvimento industrial que se enraizou no Brasil ocorreu em três momentos, desde o fim da Monarquia, passando pela República da Espada até o governo Getulista podemos citar o primeiro deles, a segunda teve duração até a década de 1950 com a entrada de multinacionais para desenvolver a economia e a terceira estendendo-se dos anos de 1960 a 1980.

Cada fase em particular foi responsável por um método de desenvolvimento diferente, enquanto a passagem do século XIX para o XX fora marcada pelo desenvolvimento tardio dessas indústrias, quando surgiram foram principalmente as de bens de consumo como roupas e tecidos. O segundo momento marcado pelo desenvolvimento nacional coube ao estado o fundar grandes construções que fortalecesse e desenvolvesse internamente o país, dentre essas podemos citar a estrada de ferro, usinas e companhias estatais. Na terceira fase já com o investimento estrangeiro agindo sobre a economia a alta classe da sociedade rendeu um bom capital, entretanto as dívidas feitas para o desenvolvimento interno causaram para a classe operária o momento de “arrocho salarial”. (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017).

O desenvolvimento industrial ao longo das décadas só foi possível graças a evolução dos modelos de produção para que fosse acompanhando o desenvolvimento do modelo capitalista. Para entendermos melhor, vamos expor os principais modelos de produção que desencadearam o progresso das revoluções industriais.

Sobre o modelo de produção pensando por Frederick Taylor denominado de Taylorista foi o responsável por, através de movimentos repetitivos manter um aproveitamento de tempo ao máximo onde o trabalhador participaria de uma única etapa de produção aumentando assim sua habilidade em movimentar a peça aumentando assim o rendimento e o número de fabricações; Já para o modelo Fordista de Henry Ford o maior investimento desse processo de

produção foi no setor de novas tecnologias fazendo assim os trabalhadores se adaptarem ao fator de organização dos instrumentos de trabalho onde o trabalho se torna mais simples de certo de ser feito porque quem o desenvolve é a máquina e o trabalhador apenas a opera com sua força de trabalho. (BORGES; YAMAMOTO, 2004). O binômio taylorista-fordista emblematizou a produção industrial brasileira até meados da década de 1990, quando o país retomava uma política democrática e com abertura para outros mercados.

As reflexões do pensamento marxista acerca do processo de alienação ficam explícitos nessa perspectiva, para o autor a alienação estará se instaurando no proletário uma vez que seu trabalho também lhe é razão de significados e um que não tenha essa razão transforma o trabalhador em alguém alheio a si e ao labor tornando também um produto semelhante ao que produz. (MARX, 2007)

Ainda com relação a estes dois primeiros métodos de produção podemos dizer que: “... Na indústria a especialização chega a um ponto absurdo, em que ninguém enxerga mais o alcance do seu trabalho porque não vê o conjunto da atividade em que seu esforço se insere” (ALBORNOZ, 1986 p,34) para a autora essa atividade tem um grande impacto no desempenhar do trabalho braçal do operário uma vez que infere diretamente no significado de seu trabalho.

Corroborando com a perspectiva marxista Sato, Coutinho e Bernardo, (2017) também nos trazem que o trabalho para um indivíduo funciona como mecanismo de identidade acerca do seu papel dentro da sociedade capitalista onde está inserido em que produzir e fazer sempre mais é o dever de todo trabalhador além do sentido pessoal de realização e crescimento dentro do seu ambiente de labor, ou seja, lhe gerando significados que podem ou não fazê-lo ascender ou regredir dentro do seu contexto.

O conceito de identidade nesse sentido ganha um significado específico sendo descrito por Coutinho, Krawulski e Soares. (2007) como: “... um conceito dinâmico, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro.” (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES. 2007, p.30) A partir, portanto, do entendimento de identidade podemos começar a compreender o cotidiano desses trabalhadores uma vez que já sabemos como esse fator se apresenta e constrói o cotidiano do trabalho.

Para Sato, Coutinho e Bernardo (2017) analisar o cotidiano em detrimento das relações de trabalho, nos coloca em posição de questionar como o trabalhador consegue produzir e ao

mesmo tempo consegue dar de conta de seus problemas e necessidades pessoais e como estes agem sobre o aspecto diário e social do trabalho.

Além desse teor o modelo econômico produtivo tem como objetivo apropriar-se da subjetividade do trabalhador e por meio desta crescer a sua produção e ampliar seu lucro trabalhando além da força física a força intelectualizada da massa, em maior parte dos momentos o pensar operário dentro e fora do seu local de trabalho é voltado a sua produção e em como manter seu emprego uma vez que sem trabalho poderá ceder a margem da sociedade gerando um maior índice de exclusão e segregação (ALVES; ANTUNES, 2004)

Esse aspecto nos faz repensar diretamente a condição de alienação em que a subjetividade do sujeito está exposta, Marx (2007) nos retrata que essa alienação ocorre através do sujeito estranhar-se perante seu trabalho, além do motivo de que exercer aquele papel cotidianamente não lhe gera prazer ou satisfação, mas sim acarreta em sofrimento que passa do trabalho para o social.

Para entender melhor esse processo de alienação e como ele constitui e transpassa o homem, e necessário entender que o ser humano é social, ou seja, faz parte de uma construção histórica e é marcado por um meio social e cultural que já existia antes dele e que atravessado pela linguagem lhe gera sentido e significado acerca de como vir a ser ou não ser de acordo com os padrões pra estabelecidos socialmente. (LANE, 2006)

Desde o seu surgimento o homem é atravessado pelo trabalho, o trabalho que a princípio o fez emergir a formar grande civilizações agora faz parte da vivência e condição humana, agregando durante os vários séculos vários significados diferentes o trabalho ganha na sociedade moderna e contemporânea o status de grande valor por meio do modelo capitalista de produção. (BENDASSOLLI, 2009)

Nesse sentido Sabino (2014) nos traz que trabalho na concepção de Marx é uma ação que transforma o ambiente ao redor do homem e onde o homem também é transformado por ela, trabalho então é algo que indubitavelmente faz parte da sociabilidade dos homens, entretanto atualmente o nosso modelo de produção apoia o trabalho em uma condição de manter o papel do consumismo ativo dentro da sociedade afim de aumentar o lucro em cima da classe trabalhadora gerando assim o conceito de mais-valia.

Ainda com relação aos modelos Taylorista e Fordista podemos destacar alguns aspectos importantes da segunda década do século XX como a mão de obra pouco qualificada presente

nas primeiras fábricas e o aprendizado ocorrendo entre a observação e manuseio da máquina, visto que o trabalho nesta época é eminentemente braçal e repetitivo. Nesta época data-se o início de movimentos sociais dos trabalhadores em busca de melhorar sua condição de trabalho (BORIS, 1995)

Karl Marx em seu manifesto comunista referiu-se a esse momento como sendo:

Nessa fase, os trabalhadores constituem ainda uma massa incoerente disseminada por todo o país, dispersa pela concorrência mútua. [...]. Nessa fase, portanto, os proletários não combatem os seus inimigos, mas os inimigos dos seus inimigos (MARX, 2007 p.33)

A classe trabalhadora encontrava-se imersa a miséria e a opressão das condições econômicas e sociais impostas, o Brasil de mão de obra heterogênea e agora de várias etnias começou a conhecer a importância de sua participação em elo a conjuntura política mundial uma vez que a estas abriram-lhes as portas para as primeiras organizações. (BITTENCOURT, 2007)

Entretanto a origem da industrialização brasileira tardia tentando acompanhar os avanços europeus fora marcada por comportamentos que já vinham culturalmente do século anterior, onde segundo Rago (2007) o patriarcalismo da sociedade ainda tratava a classe operaria com desprezo e violência adquiridos desde os tempos do império e modelos estes que somente aos poucos foram sendo diminuídos no seu cotidiano e transformados em outra forma de controlar os trabalhadores.

Foi exatamente durante as greves de 1917 e 1920 relacionados também a efeitos gerados pela Primeira Guerra Mundial que os trabalhadores começaram a se organizar ainda mais especificamente em suas causas, com a vitória dos comunistas na Rússia encaminhando-se o mundo do trabalho experimentou uma mudança na perspectiva de ver o real sentido do trabalho, a partir de então os termos luta de classe e política passariam a representar os trabalhadores rumo a primeira grande vitória da condição que foi nos primeiros anos da década de 30 com a criação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) já durante o governo Vargas e que passou por várias transformações até os dias atuais.(FAUSTO, 1995)

2.2 Os Anos 20 e 30 – Transições, Movimento Modernista e um recorte acerca de Parque Industrial.

Para a configuração do nosso trabalho nos deteremos a explicar mais um pouco algumas características do início dos anos 20 e da década de 30 no Brasil, época base de movimentos que influenciaram o enredo de Parque Industrial.

O final dos anos de 1910 fora marcado por crises e revoltas tanto no âmbito rural como no urbano além de se espalharem em vários estados do Brasil, os operários reivindicavam melhorias e direitos, a classe rural lutava contra a condição miserável a qual era imposta e com isso os anos 20 tornou-se uma década de grandes transformações sociais, economias e políticas. (GOMES; BORDIN, 2010)

Se a economia cafeeira contava com riquezas para o Sudeste brasileiro, outros materiais de origem primária começavam a ganhar mercado internacional e assim consequentemente aquecer a economia brasileira gerando lucros para estimular o desenvolvimento de novas fabricas ampliando a industrialização do Brasil. (CANO, 2012)

A transição de país agrícola para um país rumo a industrialização já considerada tardia fez com que no Brasil desencadeasse várias transformações internas, nessas décadas ocorreram a mutação do espaço urbano visto o grande número de concentração da população nos centros do Rio de Janeiro e São Paulo, com o embelezamento das cidades, dentre algumas destas estão o surgimento de novas e largas avenidas, praças, grandes construções no centro, além da novidade do consumo da cultura como o teatros, cinemas e é nesse cenário de desenvolvimento cultural também instigado pela dinâmica europeia que emerge no Brasil o movimento da Semana de Arte Moderna em 1922 . (CAMPEDELLI; SOUZA 2009)

O Movimento Modernista brasileiro de 1922 vem atrelado a várias transformações mundiais, uma dela é o cenário deixado após a Grande Guerra Mundial onde por influência da arte europeia que despertava um novo olhar acerca do mundo os modernistas brasileiros também se apoiavam em um fator comum, o de apresentar a realidade social, econômica e histórica do país tal qual como esta se mostrava no cotidiano, principalmente em São Paulo berço do movimento que sacodiria o social político nacional. (CANDIDO; CASTELLO, 2012)

Mas não só o movimento Modernista emergia neste decênio, o cenário político partindo agora da Ásia levantava a Rússia como centro das atenções por sua guerra civil e o surgimento de um país que tinha como mudança a transformação da economia capitalista para comunista. (VICENTINO; DORIGO. 2013). Com isso, no Brasil o movimento de um partido que visaria lutar por direitos da classe de trabalhadores ganha forças unificando assim a massa de operários que formam o centro econômico brasileiro e sendo constituída por antigos membros do movimento anarquista surge o PCB (Partido Comunista Brasileiro) (SANTOS, 2007)

As transformações políticas eram tantas e ainda mais intrínsecas ao campo da arte que em 1924 com a divisão do Modernismo em diferentes vertentes, coube a Oswald de Andrade com seu Manifesto Pau Brasil amadurecer ainda mais os elementos do primeiro momento da Semana de Arte. (CANDIDO; CASTELLO, 2012). A partir daí em 1928 vai desencadear a revista de Antropofagia onde o nome de Patrícia Rehder Galvão ganha espaço dentro do cenário moderno além do cenário político despertado ainda em 1924 com o advento da coluna Prestes, nesse momento o agora Manifesto Antropofágico ganha um teor cada vez mais social e crítico por parte do grupo de Oswald que se inclina ao movimento comunista. (FREIRE, 2008)

Para entendermos melhor o movimento da Antropofagia recorreremos as raízes de sua inspiração que é através de um rito indígena onde os inimigos mais fortes ao serem capturados eram devorados para que os guerreiros da tribo pudessem absorver dele sua força; com isso o movimento visava utilizar-se do útil exportado pela literatura e vida europeia, mas também aproveitando-se da riqueza cultural brasileira (ROLNIK, 1998). Acerca ainda da antropofagia a autora define que: “a subjetividade antropofágica define-se por jamais aderir absolutamente a qualquer sistema de referência, por uma plasticidade para misturar à vontade toda espécie de repertório e por uma liberdade de improvisação de linguagem a partir de tais misturas.” (ROLNIK, 1998. p 7 -8)

Patrícia Rehder Galvão ganha a atenção dos antropófagos com seus desenhos e poemas que longe de não serem românticos, “escandalizam” um padrão social paulistano da época com frases e textos que enalteciam a figura feminina mediante a questões de sexualidade. Casa-se com Oswald em 1930 e em viagem para Argentina estuda cada vez mais acerca do movimento comunista que lhe desperta a atenção frente a crise brasileira, a volta desta viagem transforma-a em uma nova figura agora voltada ao setor político. Após o nascimento de seu filho, Patrícia se engaja em movimentos de classe e filiasse ao PCB participando de greves e atos públicos em defesa dos trabalhadores onde é presa pela primeira vez e após essa detenção com apenas vinte anos de idade descreve suas primeiras vivências acerca da realidade do trabalho e da classe operária por meio de seu primeiro romance proletário Parque Industrial. (CAMPOS, 2014)

3.0 UMA ANÁLISE SOBRE PARQUE INDUSTRIAL E SUA AUTORA

Parque Industrial obra da jovem Patrícia Galvão engajada nos moldes antropofágicos da era Modernista não foi apenas um livro que como os demais da geração de 1930 visavam denunciar uma realidade do cenário brasileiro, para além disso Parque Industrial não buscou

prender-se a literatura e sim através da sua linguagem popular e fidedigna de alguém que viveu o cotidiano do trabalho fabril e das condições operárias fazer o seu papel de denunciar o sofrimento concreto de uma classe oprimida sócio e culturalmente. (GUEDES, 2003)

A obra logo de início retrata a grande concentração industrial e populacional de São Paulo, tecendo críticas à classe burguesa e retratando o dia a dia dos operários, sua relação com o trabalho, com a família, sua visão social entre os seus e destes perante a luta contra as classes dominantes.

Para analisarmos melhor a obra que tem predominantemente seu foco no trabalho feminino, escolhemos trabalhar especificamente alguns personagens do livro, são elas: Rosinha Lituana, Otávia, Corina. Alguns outros personagens serão citados de forma mais breve e outro tem sua importância destacada em um episódio da vida de Pagu, como o personagem Alexandre que na verdade é o codinome do estivador negro Herculano de Souza, que além de militante do partido comunista era amigo da autora e morreu baleado após o ato público da greve em que Patrícia deveria discursar, esse episódio também marcou a série de prisões políticas que esta sofreria ao longo do tempo. (CAMPOS, 2014)

3.1 TRABALHO FEMININO: EMANCIPAÇÃO SOCIAL E POLITICA, SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA DINÂMICA DA OBRA.

Para contextualizar o nosso tema de pesquisa, que é a análise do significado e sentido do trabalho para estes personagens e como afeta sua subjetividade, uma vez que grande maioria dos interpretes desta obra se debruçam na figura feminina, vamos analisar também o contexto da mulher nos anos 30 e mais adiante o que se altera nesse cenário social e do trabalho.

Antes de começar mais especificamente nossa análise acerca do livro, vale ressaltar uma breve explanação que em muito irá nos auxiliar durante as falas dos personagens e da própria narradora acerca das relações de trabalho e de como estes são visualizados e transformados e como o indivíduo é moldado por esse cotidiano. Como podemos observar nas palavras de Coutinho, Krawulski e Soares. (2007)

A concepção do trabalho como um elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito deve ser, portanto, repensada à luz das várias transformações no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias. (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES. 2007. P.34)

Logo no primeiro capítulo da obra já podemos enxergar como o trabalho é visto pelos operários e pelos passantes do grande centro industrial, localizado no bairro do Brás em São Paulo, o cotidiano do trabalho torna-se uma atividade que lhe desgasta:

Os chinelos de cor se arrastam sonolentos e ainda e sem pressa na segunda feira. Com vontade de ficar para trás. Aproveitando o ultimo restinho da liberdade. [...]
O apito acaba num sopro. As maquinas se movimentam com desespero. A rua estava triste e deserta. Casca de bananas. O resto de fumaça fugindo. Sangue misturado com leite.
Na grande penitenciaria social os teares se elevam e marcham esgoelando.
(GALVÃO, 2006, P.17 – 18)

A partir deste primeiro recorte, podemos observar que o trabalho no presente contexto é apresentado como algo que apropria-se do operário, tirando lhe sua “ liberdade”, no que se refere a mantê-lo em um trabalho ritmado sem perspectiva de acesso para criação de algo novo dentro do seu ambiente de labor, além disso a falta de liberdade também pode ser visualizada no que concerne à livre expressão política de se manifestar por direitos e ao tempo de lazer e de convivência com suas famílias. Mordin (1996) fala do trabalho como uma “ atividade cansativa” onde os trabalhadores se desgastam em produzir algo que não lhes gera sentimento algum, além de que estes, não o produzem para consumo próprio e sim, sempre voltado para aumentar a lucratividade do grande industrial proprietário das maquinas.

Para exemplificar ainda mais a questão familiar implícita nas palavras do autor, podemos elencar outro trecho da obra em que uma das mulheres traz a questão familiar como ênfase para se discutir a situação do operário: “ - Nós não podemos conhecer nossos filhos! Saimos de casa às seis horas da manhã. Eles ainda estão dormindo. Chegamos às dez horas. Eles estão dormindo. Não temos férias! Não temos descanso dominical! ” (GALVÃO, 2006, p.32)

Mais adiante na narrativa, podemos visualizar a forma como os operários são tratados e as condições de trabalho a que são impostas:

- Puxa! Que esse domingo não durou...
Os ricos podem dormir à vontade.
- Bruna! Você se machuca. Olha as tranças!
É o seu companheiro perto.
O chefe da oficina se aproxima, vagaroso, carrancudo.
- Eu já falei que não quero prosa aqui!
- Ela podia se machucar...
- Malandros! É por isso que o trabalho não rende! Sua vagabunda!
Bruna desperta. A moça abaixa a cabeça revoltada. É preciso calar a boca!
Assim, em todos os setores proletários, todos os dias, todas as semanas, todos os anos!
(GALVÃO, 2006 p.19)

O barulho das máquinas de costura recomeça depois do lanche. No quarto escurecido por gobelins as 12h mãos tem por par um pedaço de pijama separado. Mademe, enrijecida de elásticos e borrada de rímel, fuma, no âmbar da piteira, o cigarro displicente, os olhos dos trabalhadores são como os seus. Tingidos de roxo, mas pelo trabalho noturno. [...]

- Você pensa que eu vou desgostar mademoiselle por causa de umas preguiçosas! Hoje haverá serão até uma hora.

- Eu não posso madame, ficar de noite! Mamãe está doente [...]

- Absolutamente. Se você for é de uma vez.

A proletária volta para seu lugar entre as companheiras, estremece à ideia de perder o emprego que lhe custara tanto arranjar. (GALVÃO, 2006, p.24 – 25)

Acerca destas condições Vilela (2012) nos traz ainda, que embora várias leis para melhorar as condições de trabalho operário tenham sido criadas, a classe burguesa em maioria das vezes saía ganhando, uma vez que os trabalhadores precisavam de seus empregos, para sobreviver no centro industrial urbano e por ausência de leis rígidas, muitos deles vendiam sua força e seus direitos aceitando condições de trabalho que comprometiam sua saúde, segurança e bem estar, para manter-se ativo e garantir o seu pequeno salário.

Além do tocante aos direitos da classe, podemos perceber também que o modelo de produção atuante neste cenário, é o da Admiração científica, onde é dever do trabalhador ficar em uma única atividade e onde por sua vez, este trabalho é supervisionado intensamente, para que se mantenha o controle e rendimento da produção, além de que, cada operário é responsável por uma quantidade dentro deste perfil de trabalho. (CHIAVENATO, 2014)

Podemos citar ainda esses fatores de supervisão e controle sendo sentidos pelos trabalhadores: “Otávia trabalha como um autômato. Georgina cobiça uma vida melhor. Uma delas murmura, numa crispação de dedos picados de agulha que amarrotam a fazenda. - Depois dizem que não somos escravas. ” (GALVÃO, 2006, p.25 – 26)

Este modelo de produção ainda para Chiavenato (2014) fixa-se em analisar o desempenho do trabalho feito e já a Teoria Clássica de Fayol, aborda gestões relacionadas à empresa em seu sentido estrutural para ser a diferença no sentido de ampliar e qualificar a produção.

Para Fayol a empresa tem alguns passos a seguir, para consolidar e melhor produzir seus materiais, citaremos aqui, portanto alguns deles, que podem ser vistos nos recortes supracitados, quando se refere a divisão do trabalho, onde pretende-se aproveitar ao máximo o rendimento e aumentar a produção, a autoridade desempenhada pelos chefes e supervisores, além da unidade da direção e da centralidade da fábrica. (FAYOL, 1989)

Entretanto alguns destes fatores agem de forma a gerar riscos, uma vez que não levam em consideração a subjetividade e as emoções dos sujeitos frente ao trabalho, onde este só irá ganhar ênfase a partir da criação da teoria das Relações Humanas, agindo através dos estudos

de Mayo, cuja principal preocupação agora volta –se para as relações grupais que tem como alicerce as ciências psicológicas para fortalecer o caráter subjetivo do trabalhador frente ao desempenho do seu trabalho.(CHIAVENATO, 2014)

E com o advento da ciência psicológica no âmbito do trabalho e das características sociais sendo exploradas em favor de construir um melhor entendimento, acerca das relações sujeito e labor, encontramos também, características da psicologia social, que nos auxiliam e direcionam a entender esse comportamento social que une os homens.

A psicologia neste âmbito consegue compreender como se estruturam as relações de representação dentro de um determinado contexto social, político, cultural e econômico, portanto ao analisarmos o contexto de Parque Industrial podemos perceber em sua escrita que a autora colabora para evidenciar a representação das mulheres e em defesa das representações da classe operaria no Brasil.

Através de sua influência em meio a psicanalise e ao Marxismo da época a obra literária denuncia em seus escritos, os comportamentos da sociedade burguesa onde a autora finda por posicionar-se a favor do proletariado, e através da narrativa em Parque Industrial relata a sociedade industrial e as dificuldades e desafios da classe menos favorecidas, principalmente no tocante a figura feminina e seu ambiente de trabalho seja fabril ou não. (CAMPOS 2014)

Nesse sentido a teoria das representações atuam como: “ hipótese do controle, isto é, os grupos criam representações para filtrar a informação que provem do meio ambiente e dessa maneira controlam o comportamento individual. ” (MOSCOVICI, 2003, p.54). A partir disso as representações formam-se em grupo reconhecido e com especificidades que agora não são mais desconhecidas para a sociedade, criando ideias e objetivos próprios.

Tomando em consideração o que é dito por Moscovici e a escrita acelerada de Parque Industrial podemos perceber que em determinado capítulo a autora aborda essa questão da representação ao retratar uma reunião sindical:

Sessão de um sindicato regional. Mulheres, homens, operários de todas as idades. Todas as cores. Todas as mentalidades. Conscientes. Inconscientes. Vendidos. Os que procuram na reunião o único meio de satisfazer as suas reivindicações imediatas. Os que são atraídos pela burocracia sindical. Os futuros homens da revolução. Revoltados. Anarquistas. Policiais. (Galvão, 2006, p.31)

Nesse aspecto a representação entraria de acordo com a proposta de Moscovici onde o grupo filtra as informações. Já acerca das representações atuarem como um mecanismo de influenciar o posicionamento individual dos sujeitos, Galvão (2006) traz mais adiante um exemplo típico deste comportamento ainda se tratando de uma reunião sindical:

- Vamos acabar com isso! Você pediu para falar cinco minutos. Já está falando há meia hora. Acabamos amanhecendo aqui!
 Todos se voltam. É o policial Miguetti que interrompeu.
 Amanhecemos aqui! – revida pausadamente o cozinheiro - Estamos tratando de coisas importantes para a nossa classe. Valem um bom sono perdido. Como posso dormir sabendo que meus filhinhos sofrem fome? E eu cozinhando todo dia tanta petisqueira para os ricos. (...)
 - O companheiro Miguetti luta por um interesse individual e quer sacrificar o interesse coletivo. Está sabotando a reunião. Nos impede de falar. Está fazendo uma obra de policial, contra os interesses de nossa classe. A favor da burguesia que nos explora! A assembleia resolverá. (GALVÃO, 2006, P.32)

Isto vai de encontro com o que Lima Góis (2008) traz sobre a conhecer e participar ativamente do meio social: “O processo de conscientização tem como finalidade desenvolver a consciência crítica, permitir ao indivíduo, junto com os demais, construir-se como sujeito de sua história...” (LIMA GOIS, P.67, 2008)

Neste tocante Moscovici traz um outro aspecto importante para as representações sociais, segundo o autor essa atmosfera das relações é transpassada por uma divisão de ideias.

As representações sociais estão mais e mais marcadas pela divisão entre esses dois universos, o primeiro caracterizado por uma relação de apropriação confiante, até mesmo uma implicação, e o último pelo distanciamento, pela autoridade, até mesmo por uma separação - ou o que em alemão se chama *Zugehörigkeit* (afiliação) e *Enttremdung* (alienação). Eles também correspondem às relações instituídas pelos indivíduos na sociedade e aos modos de interação específicos a cada um deles. (MOSCOVICI, 2003, p.196)

A caracterização desses dos pressupostos trazidos por Moscovici vão de encontro ao ideal de Karl Marx a respeito da alienação quando este descreve tão fator como algo que reflete na natureza do homem um desconhecimento acerca de si e em relação ao mundo trabalho está caracterizada com a não identificação do ser com seu objeto produtor. (MARX, 2007)

Com isto pode-se fazer uma ligação direta da obra Parque Industrial para com os temas abordados pelos autores no que relaciona-se a analisar estas características de representação feminina no trabalho e a união destes aos ideias de luta de classes.

Para compreender melhor o cenário feminino exposto na narrativa pode-se elencar alguma das personagens principais do romance, Rosinha Lituana como a militante operária de família imigrante, que veio ao Brasil para buscar oportunidade de crescer e se desenvolver a partir da era da industrialização. Além desse fator a personagem faz uma alusão a outra grande personalidade da história de luta de classes que é Rosa Luxemburgo. Otávia outra militante que juntamente com Rosinha participa das greves e das reuniões sindicais do partido comunista,

representam a conscientização de classes da qual Guérin (1971) vem nos falar quando diz que, se um número pequeno porém ativos de operário, que conhecem as condições de submissão e opressão, unirem-se e trabalharem em prol de defender o teor sindical da luta proletária as mudanças podem começar a surgir e assim aperfeiçoar seus objetivos comuns, rumo a garantir melhoria da condição da classe. (GUERIN, 1971)

Pagu descreve a origem de Rosinha, que viera da Lituânia fugindo da guerra com a família, e se depara com as consequências do comportamento escravista no Brasil, Rosinha perde os pais nesse período e começa a trabalhar ainda criança. (GALVÃO, 2006). “Entrara na fábrica de tecido com 12 anos. A revolta contra os exploradores e os assassinos. Conheceram o sindicato. Compreenderam a luta de classes.” (GALVÃO, 2006, p.93).

Nesse sentido podemos destacar que Rosinha Lituana constrói seus conhecimentos acerca dos sentidos do trabalho através de elementos socioculturais que implicaram um processo de construção da subjetividade, de conscientização e a partir deles poder repassar esses conhecimentos graças a um engajamento social e político da época diretamente ligado a unir os trabalhadores e fazê-los compreender a luta de classes assim como a exploração ao qual estavam imposts através do capitalismo.

Acerca destes fatores encontramos muito de Marx especificado no que diz respeito a trabalho e alienação e consciência de classes. Utilizando-se dos conhecimentos dispostos pela teoria das representações sociais e marxistas aliados a uma metodologia de análise de discurso podemos pegar o discurso de Rosinha Lituana para as companheiras de trabalho fabril e interliga-los ao conceito marxista de alienação quanto a produção do trabalho. Na narrativa de Patrícia Galvão encontramos:

Rosinha Lituana explica o mecanismo da exploração capitalista.

- O dono da fábrica rouba de cada operário o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece à nossas custas!
- Quem foi que te disse isso?
- Você não enxerga? Não vê os automóveis dos que não trabalham e a nossa miséria?
- Você quer que eu arrebe o automóvel dele?
- Se você fizer isso sozinho, irá para a cadeia e o patrão continuará passeando noutro automóvel. Mas felizmente existe um partido, o partido dos trabalhadores, que é quem dirige a luta para fazer a revolução social.
- Os tenentes?
- Não. Os tenentes são fascistas.
- Então o quê?
- O Partido Comunista... (GALVÃO, 2006, p.21 e 22)

Ao analisarmos o recorte do discurso de Patrícia Galvão dando vida a personagem Rosinha Lituana podemos vislumbrar que Pagu explica de um modo popular e simples o processo de alienação de dois modos dos três propostos por Marx, entre eles está o modo de alienação do trabalho e o modo de alienação sobre o produto. (MARX, 2007)

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo dos objetos. O trabalho não cria apenas objetos; ele também se produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens. [...] A execução do trabalho é simultaneamente sua objetificação. A execução do trabalho aparece na esfera da Economia Política como uma perversão do trabalhador, a objetificação como uma perda e uma servidão ante o objeto, e a apropriação como alienação. (MARX, 2007, p.4 -5)

Para Marx (2007) o trabalhador torna-se o que produz, entretanto ele é diminuído perante a sua criação e passa a ser considerado uma força alheia frente ao que trabalha e quanto mais simplória é a sua atuação mais o operário se torna um objeto em relação a máquina que agora o opera.

E quando o trabalhador se vê sem condições de desempenhar seu trabalho em função de questões culturais ligadas à moral e em questão da segregação que vivencia por ser mais precisamente mulher, negra e pobre? Essa é a realidade da personagem Corina

Corina uma mulher negra é expulsa de casa e perde o emprego após engravidar de um homem rico que a abandona, mesmo com a pressão da sociedade para abortar a criança leva a gravidez até o final porém para sobreviver Corina entra na vida da prostituição para conseguir manter-se e à criança, entretanto o bebe nasce sem pele e morre, o que fragiliza ainda mais a vida da antiga proletária que agora com seus laços sociais rompidos não encontra outra forma de se sustentar. (GALVÃO, 2006)

Anteriormente a esta questão devemos recordar que a população negra em ênfase nas mulheres sofreram as consequências do pós abolição, pois por não terem conhecimentos externos como maioria dos imigrantes que já tinham contato com as fabricas, para eles só restaram o acesso ao trabalho desqualificado quando tinham condições de empregar-se ou então lhes restava o desemprego e a exclusão social. (Rago, 2004)

Na narrativa a personagem é a personificação de um símbolo sexual estereotipando a condição da mulher negra diante de uma sociedade patriarcal branca e burguesa, para Ferreira (2016) a personagem faz parte da grande massa inconsciente de trabalhadores que sem entender

o capitalismo que a explora luta para reconquistar emprego dentro de uma sociedade onde a mesma já consegue reconhecer a diferença racial culturalmente exposta nos anos 30.

Podemos destacar do livro alguns trechos que nos mostram a condição racial que Corina demonstra ter de si mesma, além da condição de dominação a qual ela se encontra:

Corina é a única isolada, de olhos fechados. A cabeça pintada, na boina azul. Acha pau o proselitismo das outras. Julga a vida um colosso! [...] Corina acorda na rua Bresser. Desce. Sorri para as colegas de oficina. Vai para a Vila Simeone. Há rapazes na esquina. Os olhos descem, procuram-lhe as penas boas. (Galvão, 2006, p.26-27)

Corina remenda, forçando a vista.
Porque nascera mulata? É tão bonita! Quando se pinta, então! O diabo é a cor! Por que essa diferença das outras! O filho era dele também. E se saísse assim com sua cor de rosa seca! Porque os pretos tem filhos? ... (Galvão, 2006, p. 49)

- Se eu pudesse sair dessa vida!
- Trouxa! As ricas são piores do que nós! Nós não nós escondemos. E é por necessidade.
- Se eu tivesse emprego, não estava aqui doente desse jeito!
- A dor do pobre é dinheiro. (GALVÃO, 2006, p.61)

Nunca mais trabalhara. Quando tem fome abre as pernas para os machos. Sairá da cadeia. Quisera fazer nova vida. Procurar um emprego de criada no Diário popular. Está pronta a fazer qualquer serviço por qualquer preço. Fora sempre repelida. Entregue-se de novo à prostituição. (Galvão, 2006, p.108)

O que podemos encontrar em comum em ambos os fragmentos são o que Guareschi (2007) vem nos falar acerca das relações de dominação e como estas estão infiltradas dentro da sociedade das maneiras mais sutis como a dominação cultural que está enraizada dentro de uma determinada época através de padrões repassados socialmente que fazem com que as pessoas naturalizem sua existência até as forças mais diretivas possíveis como o autor nos traz a questão da dominação econômica onde o trabalho é a força vendida do trabalhador para lhe dar direito a existir e gerar a mais valia para a classe burguesa.

E quando não gera mais valia, gera a exploração sexual da classe mais pobre da sociedade, na narrativa Pagu refere-se a ela no capítulo Ópio de Cor:

Os burgueses passam nos carros concordando que o Brás é bom no Carnaval.
No Colombo, as damas brancas, pretas ou mulatas como as meninas fugidas de casa, não pagam entrada. (...)
Todas as meninas bonitas estão sendo bolinadas. Os irmãozinhos seguram as veias a troco de balas. A burguesia procura no Brás carne fresca e Nova.
[...]
O carnaval continua. Abafa e engana a revolta dos explorados. Dos miseráveis. O último 500 réis no último copo. (GALVÃO, 2006, p. 44 - 45)

Ainda em se tratando da população negra o personagem Alexandre codinome para Herculano de Souza estivador morto durante a greve em Santos é citado no livro quando Pagu fala da greve geral, a princípio a greve é uma festa para o Brás para o futuro de todos os trabalhadores, para a luta do partido por melhorias da classe, a luta move a classe, entretanto a luta custa aos trabalhadores a violência da polícia e a violência dentro das fabricas, em outro trecho do livro podemos encontrar :

Otávia explica que a burguesia é a mesma em toda parte. Em toda parte manda a polícia matar os operários...

Alexandre ri. A sua voz imensa intervém:

- Matam os operários, mas o proletariado não morre! (Galvão, 2006, P.104)

Otávia e Rosinha nesse sentido apresentam-se como personagens que entendem a classe proletária e lutam por direitos e melhorias, entretanto a classe burguesa também tem sua ala feminina que luta por direitos e emancipação das mulheres e que estão diretamente voltadas a buscar uma igualdade entre os homens, entretanto esquecendo-se e excluindo a classe operaria de suas ações, a elas Pagu se refere como as emancipadas.

Nessa perspectiva é importante lembrarmos que o patriarcalismo da sociedade brasileira é percebido não somente dentro das relações de poder de empregador e empregado, mas também dentro da própria constituição de classes. Nesse sentido o papel do homem nessas primeiras décadas do século XX era de uma soberania absoluta em relação a mulher, dentro da sociedade este podia ocupar cargos bem melhores nos trabalhos e eram considerados os chefes das famílias enquanto que a mulher encontrava-se submissa as relações patriarcais, onde o dever cobrado pela norma social é de ser mãe, esposa e cuidadora dos filhos, e onde a perspectiva de trabalho era mal vista por parte dos homens principalmente quando se tratava das mulheres da burguesia. (MALUF; MOTT, 1998)

Com a chegada do movimento Feminista no Brasil um nome de caracteres pioneiro eclode nesse cenário de 1930 que é o de Bertha Lutz, tendo contato com o movimento feminista internacional europeu e estadunidense Lutz apontou a educação como a principal ferramenta de acesso a emancipação das mulheres em relação ao mundo do trabalho, e não parou apenas na emancipação social, o movimento Feminista do qual Lutz participava buscava também o direito ao voto feminino numa gosta de igualar sócio politicamente homens e mulheres (OLIVEIRA, 2014)

Entretanto em contrapartida o trabalho da mulher pobre não ganhava as mesmas atenções dado as da classe burguesa, as mulheres pobres além de desempenhar o papel de mãe quando este lhe era permitido ainda lidava com jornadas exaustivas de trabalho uma que dependeriam da renda gerada por ele para sobreviver. (RAGO, 2007)

Na narrativa podemos destacar o trecho em que esse cenário feminista da elite paulistana e exposto por Pagu:

- Leiam. O credenciamento está pronto. Temos um grande número de mulheres que trabalham. Os pais já deixam as filhas serem professoras. E trabalhar nas secretarias.... Oh! Mas o Brasil é detestável no calor! Min Papais de Glacê!
- Se a senhora tivesse vindo antes, podíamos visitar a cientista sueca...
- A! Minha criada me atrasou. Com desculpas se gravidez. Tonturas. Esfriou demais o meu banho. Também já está na rua! [...]
- O voto para as mulheres está conseguido! É um triunfo
- E as operárias?
- Essas são analfabetas. Excluídas por natureza. (GALVÃO, 2006, p. 77 – 78)

Todavia a classe operária, a classe trabalhadora sempre precisou lutar para garantir seus direitos, fossem através de greves fossem através dos sindicatos e da conscientização de classe que surgiu mundialmente com a Revolução Russa e através do contato com os imigrantes europeus. No capítulo Proletarização Pagu explica que a medida que a classe social sente o peso do trabalho e visualiza sua condição de vida sufocante e oprimida e entra em contato com sindicatos e com as bases do marxismo a conscientização aumenta e perpassada entre a massa operária ganhando voz e forças para conquistar e abrir novos espaços. (GALVÃO , 2006)

Por fim Parque Industrial nos traz uma perspectiva acerca do trabalho nos anos de 1930 e do início das décadas do século XX afim de que possamos analisa-los e entender como ocorreu sua trajetória até ao dias de hoje, então agora nos resta uma última pergunta a ser respondida, o que aprendemos durante toda trajetória da obra pode ser visualizado ainda no cenário contemporâneo?

4.0 Resultados e Discussões: Passado e Presente. Mudanças ou Reincidências?

O Brasil na década de 1950 utilizando-se do projeto liberalista para manter e aumentar o seu tardio desenvolvimento no setor da indústria contou com auxílio do capital externo, seu ápice dado no governo Juscelino Kubitschek possibilitou o crescimento do setor de bens de

consumo duráveis através do Plano de Metas que trouxe ainda mais investimento internacional para o país como também lhe gerou uma grande dívida externa. (DORIGO ; VICENTINO, 2013).

Dos anos seguintes de 1964 a 1985 o país esteve sob comando do governo militar onde a questão econômica mostrou grandes oscilações, de início a crise financeira foi amortecida levando em conta a opressão em cima da camada trabalhadora, desse período Goulart e Guimarães (2002) retrata como um momento de grandes desigualdades sociais e econômicas se enraizando no perfil da classe trabalhadora e onde reiteram que as situações de crise só viriam a piorar nas décadas seguintes.

Além da crise financeira e dos arrochos para conter a inflação, a radical violência desse período contou com deposições de líderes sindicais e com a violenta repressão em relação ao ensino político nas faculdades, nas centrais trabalhistas, e principalmente com os movimentos de esquerda do país onde com a ascensão do regime seus componentes tiveram mandatos cassados e foram colocados na clandestinidade juntamente com a UNE (União Nacional dos Estudantes), esse passo fez com que mesmo em tempos de tortura, perseguições e mortes, estudantes e trabalhadores apoiados por um momento culturalmente rico no cenário nacional e internacional começassem a compreender a importância reagir contra esse controle social e da subjetividade e junto aos partidos de esquerdista começam a articular movimentos contra o regime, que levassem em conta melhorias trabalhistas, direito à livre a expressão entre outros, entretanto a opressão principalmente dos anos 70 “linha dura” retardou a tão esperada redemocratização. (GASPARI, 2002)

De acordo com Dorigo e Vicentino (2013) embora tenha surgido o milagre econômico durante a metade do governo militar os problemas da classe trabalhadora só aumentavam, quaisquer tentativas de mudança nesse cenário seja por parte dos operários ou estudantes buscando sua liberdade política e social foi refreada com o uso da força para cercear as movimentações. Em consequente a essas ações e já durante o período de redemocratização surge o movimento sindical do ABC Paulista e novos líderes dos trabalhadores juntamente ao movimento das Diretas Já a partir da ativa participação da classe estudantil e artística, que permitiu após vinte um anos a democracia ser reconquistada.

Passando por esse turbulento período da histórico a indústria continuou a enfrentar novas crises e novos modelos para avançar na economia mundial, a partir da reabertura política e tomando como ponto de partida o modelo neoliberal e o avanço do capital industrial rumo a

economia globalizada renderam ao país uma economia baseada no consumismo e daí surge o atual e vigente modelo derivado do toyotismo japonês. (ALVES, 2009)

Para falarmos então a respeito do modelo Toyotista atuante no nosso cenário contemporâneo podemos começar citando que este é um modelo direcionado principalmente a oferta de procura e demanda, onde os trabalhadores deste modo de produção atuam operando vários instrumentos ou seja participando de cada uma de suas etapas de construção, diferentemente do movimento repetitivo representado pelo fordismo e sua produção em larga escala. (ANTUNES, 2008)

Marcados pelas revoluções tecnológicas e de globalização o fim dos anos 80 e início da década de 90 trouxeram a economia brasileira traços da política neoliberal que já se instalava em torno de vários países do mundo, entretanto seguindo a linha histórica na qual o estado brasileiro tem vivenciado as transformações adotada durante esta década trouxe ao trabalhador algumas implicações do modelo Toyotista de produção, onde entre essas novas adaptações entre elas a diminuição dos gastos com os trabalhadores de uma maneira em geral e o aumento do seu índice de produção em relação ao tempo, com isso encontramos a situação do operário que subordina sua forma de trabalho e precariza sua segurança e saúde enquanto desempenha este por medo do desemprego. (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017)

O modelo toyotista é aproveitado pelas indústrias que embora adotem uma postura diferente do modelo original utilizam-se dos seus métodos para com eles manipular toda massa operaria no sentido de garantir o nível da racionalidade das ações agindo assim como forma de manutenção dos modelos passados além de ocupar toda a subjetividade do sujeito dentro do processo de trabalho. (ALVES; ANTUNES, 2004)

A partir de uma flexibilidade do trabalho atrelado a dinâmica do mercado consumidor as empresas optam ainda mais pelo trabalho fragmentado ou terceirizado o que juntamente com a inovação tecnológica tomando a força da mão de obra humana provoca um maior índice de desemprego e coloca o trabalhador assalariado em uma posição de precariedade no sentido do trabalho. (GOULART; GUIMARÃES, 2002)

Somavia (2002 *apud* Passaia e Policarpo 2013) retratam que as causas da flexibilização em relação ao trabalho foi a de “supostamente” aumentar os índices de contratação afim de reduzir os danos causados pela crise de empregos no mercado, entretanto essa condição só serviu para criar ainda mais competitividade entre a classe e diminuir os direitos trabalhistas conquistados ao longo dos anos.

Corroborando a esta fala, Mello (2016) traz que dentre essas mudanças socioeconômicas cabe aos direitos trabalhistas amparar o trabalhador diante do avanço capitalista em relação ao

desempenhar do seu ofício pois, com a terceirização e o avanço neoliberal ocorre a fragilidade de muitos dos direitos em relação aos trabalhadores onde esta subdivisão do emprego é ainda maior por meio da política interna de especializações por parte das empresas.

Coutinho, Krawulski e Soares (2007) ainda nos trazem outra evolução do trabalho que é o campo do teletrabalho, as autoras ressaltam que essa nova relação do trabalhador com o trabalho virtual gera entre eles um rompimento acerca de como o trabalho chega e assume sua atividade no cotidiano do sujeito, ou seja, em que tempo aquele indivíduo está trabalhando ou em que momento ele está vivenciando seu tempo livre?! Com isso a atividade laboral passa a ocupar ainda mais o cotidiano e a cognição daquele sujeito.

Podemos citar também uma outra condição de labor que se refere ao trabalho efetuado em residência, ou home-office, esse modelo de inserção faz com que o trabalhador possa produzir sem precisar se deslocar até a empresa. Rafalski e Andrade (2015) apontam que essa escolha pode ter vantagens e desvantagens, se por um lado a redução de custos, a flexibilidade e praticidade são pontos positivos diante do trabalhador, temos porém a dessocialização dos ambientes de trabalho, a questão de organização temporal e o limiar no que concerne a relação casa e trabalho.

No tocante ao trabalho feminino podemos acentuar uma desvantagem particular além das supracitadas que seria o trabalho doméstico. Para Soihet (2004) o trabalho invisível, ou seja, o trabalho efetuado pelas mulheres como os de educar os filhos e as atividades domésticas e não contabilizadas dentro da dinâmica de labor feminino fazem com que as mulheres trabalhem horas a mais em relação ao homem e onde estas atividades tem uma perspectiva cristalizada e não são percebidas como trabalho (que gere a mais valia) (por parte de quem a desempenha).

E as condições de trabalho estão gerando ainda mais mudanças na vida da população que vive do emprego, como exemplo a reforma trabalhista de 2017 e atualmente circula uma proposta que pode fazer com que grande parte dos direitos trabalhistas conseguidos durante a Era Vargas sejam novamente retirados de seus trabalhadores, a Pec6/ 2019 que modifica a reforma da previdência social.

A reforma trabalhista permitiu a flexibilização e alterações de algumas das leis que protegem as mulheres quanto a questão de insalubridade do trabalho uma vez que põe em risco a saúde das gestantes em relação a elas e à criança, ao invés de reduzir os riscos a classe trabalhadora feminina a reforma atua como mantenedora dos interesses neoliberais afim de garantir a produtividade mesmo que isto implique atingir leis de direitos sociais outorgadas e

protegidas pela constituição nacional de 1988. (MARTINS; FERREIRA; MORHY; MIRANDA; RODRIGUES, 2018)

Já, em relação a proposta da pec 6\ 2019, para Lobato, Costa e Rizzotto (2019), a nova reforma de previdência impõe um regime de capitalização para o trabalhador além de ampliar o tempo de contribuição destes para receber o valor integral do que foi contribuído, entretanto as autoras indicam que esse processo é “perverso” com os trabalhadores uma vez que devido as condições de trabalho da atualidade estarem entregues ao emprego informal e ao rodizio de trabalho proporcionado pelo atual modelo de produção as desigualdades são notórias e isso desfavorece a população no sentido de que mulheres sofreriam mais diante da reforma e teriam seus direitos suspensos e condições de trabalho gerando problemas a saúde e que não a permitiriam conseguir aposentar-se dada a desigualdade ainda existente entre homens e mulheres e as desigualdades regionais.

Essas condições põem claramente em risco a saúde e a segurança das mulheres, uma vez que para que exista equidade nas relações de trabalho deve-se levar em conta que biologicamente mulheres e homens são diferentes e reagem diferentes a condições de trabalho. Santos e Schreiner (2019) vem nos afirmam dos avanços que as reivindicações na Carta das Mulheres trouxeram à tona alguns direitos já conquistados pelas mulheres como por exemplo os direitos sexuais e reprodutivos, o direito a maternidade direitos que são assegurados e foram reforçados em sua manutenção e seguridade. Entretanto com a nova reforma esses direitos são muitas vezes esquecidos e deixado de lado por causa das condições de trabalho precário e da necessidade de manutenção do salário para garantir a subsistência.

Por tudo isso vale repensar as condições de trabalho a qual os trabalhadores estão inseridos, será que em quase noventa anos de história e muitos anos desde o trabalho livre no Brasil estamos fadados a cometer os mesmos erros do passado?

5. 0 Considerações Finais

A partir do que foi elencado acima, o nosso trabalho buscou analisar as formas e relações de trabalho ao longo da história nacional passando desde os modelos de produção e analisando as condições de trabalho narradas no Brasil dos anos 20 e 30 até o momento da nossa atual conjuntura social política e trabalhista.

Com o que nós pudemos apurar, as relações de trabalho transcendem os sujeitos de modo a fazer parte da sua característica como homens e que com a modernidade vem cada vez mais se apropriando do cotidiano, da identidade e da subjetividade dos sujeitos de modo que o trabalho passa a definir sua característica dentro da sociedade e também girando-lhes adoecimentos e explorações por parte do empregador capitalista.

A partir de Parque Industrial pudemos elencar as narrativas características que se repetem e que ainda precisam ser estudadas mais a fundo como o caso da participação das mulheres em maiores cargos de trabalho e a ainda existente divisão de gênero e racial que persiste cristalizada na nossa cultura, mas aos poucos abrindo espaço para novas formas de representações no cenário nacional.

Parque Industrial não foi somente um “panfleto” literário como alguns ainda insistem em identifica-lo, mas sim uma obra que de forma pessoal e social buscou criticar e externalizar para o país a condição social ao qual a classe operaria estava sendo submetida, embora sua narrativa tem claro viés marxista, sua importância para nós torna-se essencial no sentido de repensar avanços e retrocessos no fundo do trabalho.

Muitos avanços no campo das ciências sociais permitiram que a importância desses fatores fossem percebidas e intrinsecamente ligada ao caráter subjetivo dos sujeitos transformassem a realidade ampliando a compreensão de que o trabalho não é somente o ato, mas sim uma construção entre dos indivíduos entre eles e consigo, para um melhor desempenho destes no campo do labor e de da sua individualidade.

Por fim espera-se que o trabalho possa ser mais uma contribuição para a comunidade acadêmica e científica acerca de relações de trabalho, e principalmente do papel feminino destes e a construção sócio histórica e as conquistas crescentes das mulheres ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Brasiliense, 1986.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e sindicalismo no Brasil**: um balanço crítico da década “neoliberal”(1990-2000). 2009.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni Antonio Pinto. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, p. 335-351, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** São Paulo: Cortez rev. ampl. 2008.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. **Lisboa: Edições**, v. 70, 1977.

BARROS, Sandra Oliveira Mayer. A Reestruturação Produtiva do Capital no Brasil Sob a Ordem Neoliberal: A Degradação da Subjetividade do Trabalhador Terceirizado. **Revista Estudos do Trabalho**, ano IX, n° 20, 2017. Acesso em: http://www.estudosdotrabalho.org/RRET20_2.pdf

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Psicologia e trabalho: apropriações e significados**. Cengage Learning, 2010.

BITTENCOURT, Icaro. O operariado no Brasil da primeira república: alguns apontamentos teórico-metodológicos e historiográficos. **Revista Sociais e Humanas**, v. 20, n. 1, p. 141-151, 2007.

BORGES, Lívia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. O mundo do trabalho. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**, p. 24-62, 2004.

CAMPEDELLI, Samira; SOUZA, Jésus Barbosa. **Literaturas brasileira e portuguesa: volume único**. Saraiva, 2009.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu-vida e obra**. Editora Companhia das Letras, 2014.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira Modernismo História e Antologia**, 16ª ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2012.

CANO, Wilson. Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. **Revista EconomiA**, v. 13, n. 3b, 2012.

CARDOSO, Adalberto. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

CARONE, Edgard. **A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: SENAC, 2001

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Manole, 4ª Edição. 2014.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 29-37, 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin; FURTADO, Odair; RAITZ, Tânia Regina. **Psicologia Social e Trabalho: perspectivas críticas**. v.1, Florianópolis: ABRAPSO, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FAYOL, Henri. **Administração industrial e geral**: previsão, organização, comando, coordenação, controle. [Tradução para o português de Irene de Bojano e Mario de Sara] 10. Ed, São Paulo: ATLAS, 1989

FERREIRA, Fernanda Diniz. QUESTÕES DE GÊNERO NO ROMANCE PARQUE INDUSTRIAL, DE PATRÍCIA GALVÃO: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE DE 30. In: **III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA E ECOCRÍTICA (CILE) I CONFERÊNCIA BIENAL DA ASLE-BRASIL** Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça, p. 153-163, 2016

FREIRE, Tereza. **Dos escombros de Pagu: um recorte biográfico de Patrícia Galvão**. Senac, 2008.

GALVÃO, Patrícia (Como Mara Lobo). **Parque Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (1º edição de 1933)

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUARESCHI, Arcides Pedrinho. Relações Comunitárias Relações de Dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Psicologia Social Comunitária da sociedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, p. 81-99, 2007.

GUÉRIN, Daniel. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. Perspectiva, V.14 de Coleção Khronos, 1982.

GOMES, Marco Antonio de Oliveira; BORDIN, Magali Regina. Educação e Movimentos Operários no Brasil: A organização dos Trabalhadores durante a República Velha. **HISTERDBR**, São Paulo, v1, nº1, p.1 – 25, 2010. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/trabalhos.html. Acesso em 06 de Maio de 2019.

GOULART, Iris Barbosa; GUIMARÃES, Renata Fraga. Cenários contemporâneos do mundo do trabalho. **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**, v. 3, p. 17-36, 2002.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **O Que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIMA GÓIS, César Wagner de. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. Aderaldo & Rothschild Editores, 2008.

LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa; COSTA, Ana Maria; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. Reforma da previdência: o golpe fatal na seguridade social brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, N° 120, p.5-9,2019.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belleépoque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 368- 421.

MARTINS, Daniela Serra de Mello; FERREIRA, Eduardo de Mendonça; MORHY, Juliana Andrade; MIRANDA, Karina Ellen do Nascimento; RODRIGUES, Laura Macedo. A FLEXIBILIZAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER QUANTO À SALUBRIDADE EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO: UMA ANÁLISE ACERCA DA CONSTITUCIONALIDADE DAS ALTERAÇÕES PROMOVIDAS PELA REFORMA TRABALHISTA. In: DELGADO, Gabriela Neves (Org.). **A Reforma Trabalhista no Brasil**. Reflexões de estudantes da graduação do curso de direito da UNB. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Direito, 2018 . p 42- 50

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. [São Paulo]: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2003.

MARX, Karl. Escritos econômico-filosóficos. **Primeiro manuscrito**, 2007.

MELLO, Gabriel de Oliveira de. TERCEIRIZAÇÃO NO BRASIL E O PL 4330: RACIONALIDADE ECONÔMICA E A CONTUMÁCIA NEOLIBERAL. **DIREITO E IDEOLOGIA**, p. 45 – 73, 2016

MORDIN, Battista. **O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. Paulina. 1986.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Carmen Sílvia Araújo de. A solitude feminista de Patrícia Galvão em Parque Industrial. **Migulim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 3, n. 2, p. 217-227, 2014.

PASSAIA, Éder Gustavo; POLICARPO, Douglas. A FLEXIBILIZAÇÃO TRABALHISTA BRASILEIRA FRENTE À DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. **Revista Estudos do Trabalho**, ano VI, nº12, 2013. Acesso em: http://www.estudosdotrabalho.org/RRET12_8.pdf

RAFALSKI, Julia Carolina; ANDRADE, Alexsandro Luiz De. Home-office: aspectos exploratórios do trabalho a partir de casa. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 431-441, 2015.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sexualidade. *In*: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 578 – 606, 2004

RAGO, Margareth. Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1890-1930. *In*: Melo, Hildete Pereira de; Piscitelli, Adriana; Maluf, Sônia Weidner; Puga, Vera Lucia (Orgs.). **Olhares Feministas**. Brasília Ministério da Educação : UNESCO, p. 219- 238, 2007.

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. *In*: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.). **Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s**, XXIVa Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. P. 128-147.

SABINO, Mariana Correia Silva. Fundamentos Ontológicos do Trabalho em Marx: trabalho útil – concreto e trabalho abstrato. **Ubimuseum**, n.3, p.143 – 155, 2014.

SANTOS, Bianca Chetto; SCHREINER, Flávia Hardt. A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES: 30 ANOS DE AVANÇOS FORMAIS E DESAFIOS PERSISTENTES. **Interfaces Científicas-Direito**, v. 7, n. 1, p. 37-48, 2019.

SANTOS, Lincoln de Araujo, O Brasil Republicano e a Breve Década de 20. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Juiz de Fora, JUL/ DEZ, n°.3, p.1-8, 2007.

SATO, Leny; COUTINHO, Maria.Chalfin; BERNARDO, Marcia .Espanhol. (orgs.) **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p.362 – 400, 2004.

STREY, Marlene Neves et al. Psicologia social contemporânea. **Petrópolis: Vozes**, 1998.

VICENTINO, Claudio; DORIGO, G. **História geral e do Brasil**. 2.ed.São Paulo: Scipione, v.2, 2013

VICENTINO, Claudio; DORIGO, G. **História geral e do Brasil**. 2.ed.São Paulo: Scipione, v.3, 2013